

JOGOS OLÍMPICOS DE SYDNEY/2000: UM ESTUDO DA COBERTURA ESPORTIVA

SANFELICE, Gustavo Roese Professor de Educação Física e mestrando em Ciência do Movimento Humano – Subárea Comunicação, Movimento e Mídia na Educação Física do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Santa Maria.

HATJE, Marli Jornalista e professora de Educação Física. Professora adjunta do Departamento de Métodos e Técnicas Desportivas e Coordenadora do Curso de Educação Física – Licenciatura Plena do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Santa Maria.

Resumo

O objetivo do estudo foi analisar a cobertura jornalística da participação da equipe olímpica brasileira nos Jogos Olímpicos de Sydney e as contribuições da imprensa para o desenvolvimento da área da Educação Física/Esporte, a partir de um evento como esse. Utilizou-se como amostra o jornal A Razão de Santa Maria/RS, compreendendo o período de 15 de setembro a 02 de outubro de 2000. Os títulos do jornal foram classificados e analisados a partir de 5 categorias e 13 subcategorias pré-estabelecidas. A ênfase recaiu sobre a exaltação de equipe brasileira (37,2%), e de atleta brasileiro (22%). As contribuições (explícitas) ao desenvolvimento da Educação Física/Esporte são poucas. No entanto, muitos conteúdos da cobertura jornalística podem ser considerados à educação física escolar, desde que o professor saiba filtrá-los e ministrá-los com métodos e técnicas de ensino adequados.

Palavras-chave: Jogos Olímpicos; Cobertura esportiva; Esporte e imprensa.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Neste trabalho, entendemos Educação Física como a iniciadora e precursora dos esportes na escola, ainda, a facilitadora da formação social através de suas atividades; o professor de educação física como o responsável para viabilizar a prática, com métodos e técnicas de ensino adequados. Esporte, assim como a dança e a ginástica, consideramos como um dos elementos articuladores da educação física e que viabiliza seus objetivos e sua finalidade, ou seja, contribuir com o desenvolvimento harmônico do indivíduo nos aspectos bio-psico-físico-social. Embora o esporte tenha várias conotações, três dimensões, esporte-educação; esporte-participação e esporte-performance/rendimento (TUBINO, 1992), por exemplo, se destacam. Esta pesquisa tomará por referência, então, o esporte rendimento, visto serem os Jogos Olímpicos seu objeto de estudo. Esta dimensão requer organização em maior grau, performance, recordes e superação.

Os Jogos Olímpicos são considerados como esporte espetáculo que tem como finalidade o espetacular, o grandioso, o sensacional, o emocionante. É no dito espetáculo que

o espectador se sente integrante do evento, mesmo que não esteja presente no local. Isso é possível porque o evento é transmitido ou veiculado pelos meios de comunicação.

Os Jogos Olímpicos são o espetáculo esportivo de maior expressão mundial, desde a Grécia Antiga até os dias atuais. Em época de Jogos olímpicos, o mundo se identifica com eles. A Olimpíada é o evento que reúne o maior número de países e com isso várias raças, etnias, credos e culturas, todos unidos em torno de um objetivo: o Movimento Olímpico. No Brasil, o único evento que se compara aos Jogos Olímpicos e que consegue motivar a população – ou a maioria dela – é a Copa do Mundo de Futebol.

Durante os Jogos Olímpicos, mesmo aqueles que não acompanham os encontros esportivos pelos meios de comunicação, se interessam pela disputa e/ou pelos resultados. Muitos ficam acordados de madrugada, considerando-se a diferença de fuso horário, para acompanhar as disputas, como o caso dos Jogos de Sydney,¹ por exemplo, e no dia seguinte buscam informações, especialmente nos jornais. Estes veiculam uma cobertura mais minuciosa que os meios eletrônicos, porque segundo BAHIA (1990), a profundidade na abordagem dos fatos esportivos é maior que na televisão e que no rádio².

Mediando a relação entre espetáculo e espectador encontramos os meios de comunicação, que, aliás, têm estreita relação com o esporte. Segundo (CONSTANTINO, 1992)³. A relação entre o esporte e os meios de comunicação é recíproca e antiga, pois na mesma medida em que o esporte necessita dos meios de comunicação – esses precisam do esporte para se desenvolver. Nos Jogos Olímpicos, essa premissa é reforçada, pelos contratos bilionários firmados entre o Comitê Olímpico Internacional e as emissoras de televisão⁴. Além disso, as empresas de comunicação, durante eventos como os Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo de Futebol, obtêm retornos financeiros significativos com a venda de cotas publicitárias e com o aumento de jornais e revistas especializados.

Pretendemos com esta pesquisa estudar os Jogos Olímpicos, destacando (possíveis) aspectos inerentes aos Jogos incorporados pela população em geral, veiculados pela imprensa. Entre eles a linguagem esportiva - disseminada através das transmissões e coberturas esportivas - valores, características, expectativas e definições, que a imprensa veicula sobre a equipe Olímpica Brasileira e os resultados obtidos, exaltando heróis e ídolos.

Para viabilizar a pesquisa que tem por objetivos analisar a cobertura jornalística da participação da equipe brasileira nos Jogos Olímpicos de Sydney e as contribuições da imprensa ao desenvolvimento da área da Educação Física/Esporte, a partir de um evento como esse, elegeu-se categorias/subcategorias, a partir de estudos de HATJE (2000) e o jornal

A Razão de Santa Maria – RS. Embora seja um jornal de circulação regional, deu ampla cobertura ao evento, editando inclusive, caderno especial. Veículo de maior expressão na Região Central do Estado é editado na cidade sede da Universidade Federal de Santa Maria, que oferece os cursos de jornalismo e educação física. Foram analisados 15 exemplares⁵, entre 15 de setembro e 2 de outubro de 2000, durante a realização dos Jogos Olímpicos de Sydney/2000.

Os meios de comunicação são a principal fonte de informação da população, especialmente durante eventos como os Jogos Olímpicos. Poucas pessoas, por razões diversas, têm a oportunidade de acompanhá-los ao vivo e, nesse sentido, cresce a importância dos veículos impressos, como os jornais e as revistas. Bahia (apud HATJE, 1996) ressalta que o jornalismo esportivo é atualmente uma das maiores expressões da informação especializada, ocupando espaço maior nos meios impressos e eletrônicos do que aquele destinado a outros assuntos, como religião, por exemplo.

Quatro razões, principalmente, ratificam a importância do trabalho: a) os resultados serão divulgados junto aos cursos diretamente envolvidos no sentido de contribuir com os estudos e as discussões em andamento; b) entender melhor as relações do esporte, enquanto fenômeno social, e a imprensa, através da cobertura jornalística. A simples observação contemplativa de fenômenos sociais que nos envolvem é insuficiente para compreendê-los; c) pelo significado que os Jogos Olímpicos têm para a população mundial, especialmente a brasileira, uma vez que esses são considerados um megaevento, com audiência superior as Copas do Mundo de futebol; d) entender melhor a própria competição e suas conseqüências para as aulas de educação física escolar. Os profissionais devem estar preparados no sentido de conhecer as (possíveis) influências de eventos como esse em sua área de atuação. Para a análise, considerou-se os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), definidos, aos ensinos fundamental e médio, pelo Governo Federal.

A pesquisa foi caracterizada como analítico-descritiva e a seleção/classificação dos 156 títulos relacionados com a equipe olímpica brasileira durante os Jogos Olímpicos de Sydney obedeceu aos seguintes critérios:

- a) Títulos relacionados com a equipe olímpica brasileira;
- b) Títulos relacionados a atleta, dirigente e treinador de equipes do Brasil;
- c) Títulos relacionados com adversários de equipes ou atletas brasileiros, onde equipes ou atletas brasileiros são citados.

2 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

2.1 Descrição e análise das Categorias-Subcategorias⁶

Quadro I – Percentuais das subcategorias encontradas na cobertura jornalística do jornal A Razão em relação aos Jogos Olímpicos de Sydney 2000.

CATEGORIAS – Subcategorias	Títulos	%
RELAÇÕES NACIONAIS E INTERNACIONAIS		
Registros relativos à equipe nacional		
Exaltação de equipe	58	37,2%
Tópicos e metáforas dirigidas à seleção brasileira e à nacionalidade	2	1,3%
Comentário negativo de equipe	27	17,4%
Registros relativos à equipe adversária		
Exaltação da equipe adversária	14	9%
REGISTROS RELATIVOS A INDIVIDUALIDADES NA EQUIPE NACIONAL E ADVERSÁRIA		
Exaltação de atleta	35	22%
Exaltação de treinador	1	0,7%
Exaltação de atleta adversário	1	0,7%
TRAÇOS EMOCIONAIS		
Manifestação emocional	4	2,6%
TRAÇOS DE VIOLÊNCIA		
Violência	4	2,6%
Comentário negativo de atleta	5	3,2%
Comentário negativo de treinador	2	1,3%
Linguagem bélica	2	1,3%
ASPECTOS ADJACENTES ÀS PARTIDAS		
Valorização do esporte enquanto negócio	1	0,7%
TOTAL	156	100%

A partir do Quadro I, percebemos que a subcategoria **exaltação de equipe brasileira** foi a que mais ocorreu na cobertura jornalística do jornal A Razão, durante os jogos de Sydney, no período considerado à pesquisa, com 37,2%, representando 58 títulos dos 156 coletados. Pelos exemplos, não há exaltação de atleta em especial: *Brasil supera Eslováquia na estréia*. (15/09/2000 – caderno especial). O título refere-se a seleção brasileira de futebol que venceu a Eslováquia e *Duplas femininas são favoritas*. (22/09/2000. - caderno especial), que refere-se ao favoritismo das duplas femininas de vôlei de praia do Brasil.

Para a área da Educação Física, a exaltação do coletivo é importante, pois evidencia o grupo, a coletividade, aspecto fundamental para viver em sociedade. Valores como saber viver em grupo, respeitando os companheiros, são importantes e cada vez mais valorizados em qualquer campo de trabalho. As pessoas devem saber trabalhar e conviver em grupo e

dividir os resultados positivos e negativos. Isso é particularmente importante nas aulas de Educação Física quando está em evidência a prática dos esportes coletivos. É esse momento que o professor deve conscientizar o aluno sobre a importância dele no contexto (na partida) e sobre a importância dele saber ganhar e perder.

A subcategoria **exaltação da equipe adversária** somou 9%, ou seja, 9 títulos deram ênfase a ela. Como exemplo destacamos: *Basquete brasileiro quer escapar dos EUA*. (19/09/2000 - caderno especial). O título deixa claro que a equipe norte-americana de basquete feminino é temida pelo Brasil, o que evidencia a superioridade das americanas. Analisando o desempenho do Brasil na competição, e, ao contrário do que evidencia o título (exaltando as americanas) podemos dizer que o resultado negativo do Brasil neste modalidade deve-se mais por falhas próprias, do que por méritos das adversárias.

Somando-se o percentual das duas subcategorias, podemos afirmar que a categoria **Relações nacionais e internacionais** foi aquela que mais ocorreu entre todas, com 46,2% do total de títulos, o que, é, sem dúvida, um fator positivo, especialmente visto sob o aspecto do coletivo.

A subcategoria **Exaltação de atleta brasileiro** obteve 22% do total, representando 35 títulos dos 156. A categoria exaltou atletas brasileiros, tanto de esportes coletivos quanto de individuais. Porém, a maioria dos títulos exaltam atletas de modalidades individuais. A exaltação acontece através da menção do nome do atleta até a reverência a sua atuação individual. Quando isso acontece com atletas de equipes, eles são considerados como os responsáveis pela vitória. Um exemplo que ilustra a última afirmação é: *Fofão pode permanecer de fora* (18/09/2000 - Caderno especial). O título refere-se a levantadora da seleção brasileira de vôlei feminino, Fofão. Um exemplo no esporte individual diz respeito a ginástica: *Daniele é 21ª colocada*. (22/09/2000 - Caderno especial). A ginasta Daniele Hipólito é exaltada, apesar do 21º lugar na competição. Para a ginástica brasileira esta foi considerada uma boa colocação.

Podemos observar também a exaltação de ídolos como Gustavo Kuerten, o Guga, que além de pretender disputar a medalha de ouro estava sempre na iminência de passar a Número 1 do mundo. O Brasil é muito mais conhecido, mundialmente, pelos seus atletas e ex-atletas do que pelas equipes da qual faziam ou fazem parte. Exemplos como Pelé, Dunga, Zico, Gustavo Kuerten, dentre outros, levam o nome do Brasil para o mundo e são idolatrados no País. A exaltação de atleta torna-se negativa quando o aspecto coletivo é esquecido ou ignorado, principalmente em esportes coletivos.

Tratando-se de **exaltação de atletas adversários**, apenas um título foi classificado na subcategoria, representando 0,7% do total. No dia 16 -17/09/2000 (Caderno especial), o título revelou a preocupação de Gustavo Kuerten por não ter informações de seu adversário: *Mistério sobre rival incomoda Gustavo Kuerten*. A subcategoria **Exaltação de treinador** (no caso o brasileiro) somou o mesmo percentual da anterior, ou seja, 0,7%: *Bernardinho quer união contra as americanas*. (23 – 24/09/2000 - caderno especial)

As subcategorias **exaltação de atleta brasileiro**, **exaltação de atleta adversário** e **exaltação de treinador** que exaltam o individualismo somaram 23,4% do total, representando 37 dos 156 títulos. O índice colocou a categoria **Registros relativos a individualidades na equipe nacional e adversária** em segundo lugar no cômputo geral.

A subcategoria **comentário negativo** considerou todas as afirmações, especulações ou comentários negativos envolvendo equipes, atletas e treinadores brasileiros, sendo os aspectos referentes a **equipe** os mais observados, totalizando 17,4%, representando 27 títulos. A subcategoria contemplou derrotas de equipes brasileiras, problemas de relacionamento entre atletas, atuações consideradas decepcionantes e as dificuldades de equipes brasileiras, consideradas favoritas, para conquistarem o ouro olímpico.

Os principais comentários negativos foram direcionados à seleção brasileira de futebol masculino. Para exemplificar, destacamos dois exemplos: *Mais uma vez, o pesadelo africano*. (18/09/2000 - Caderno especial); *O vexame do futebol*. (25/09/2000 – Capa do jornal) Tratando-se de Brasil e de futebol, publicações como essas não surpreendem, considerando-se o retrospecto do Brasil no futebol. O Brasil continua sendo o único tetracampeão mundial, embora tenha perdido em 2001, depois de sete anos, o primeiro lugar, no ranking da FIFA, para a França, atual campeã européia e mundial.

Comentário negativo de atleta obteve 3,2%, representando 5 títulos. Está centrado nos resultados dos atletas brasileiros, como é o caso dos atletas de vôlei de praia masculino: *Emanuel e Loiola estão fora das olimpíadas*. (23 – 24/09/2000 – Caderno especial) e nos resultados de Rodrigo Pessoa, no hipismo: *A última decepção veio com Rodrigo Pessoa*. (02/10/2000 – Caderno especial). Esse título ressalta a atuação do Brasil de uma forma geral nos Jogos Olímpicos, com um saldo decepcionante sob a ótica do jornal. Já **comentário negativo de treinadores**, teve 1,3% do total de ocorrências. O índice deve-se principalmente aos resultados negativos obtidos nos esportes coletivos disputados em Sydney. Wanderlei Luxemburgo, ex-técnico da seleção brasileira de futebol masculino e Radamés Lattari, ex-técnico da seleção brasileira de vôlei masculino foram os mais enfatizados. *Ele está salvo*.

Por enquanto. (21/09/2000 – Contracapa do jornal) *Radamés deixa cargo frustrado com desempenho.* (29/09/2000 – Caderno especial), respectivamente.

As subcategorias **manifestação emocional** e **violência**, tiveram 2,6% cada, representando 4 títulos dos 156. A primeira foi mais evidenciada nas vitórias e na conquista de medalhas, como a de prata de Tiago Camilo, no judô: *Tiago comemora a medalha com discricção.* (19/09/2000 – Caderno especial); e a conquista da medalha de bronze pela seleção brasileira de vôlei feminino: *Bronze emocionou as jogadoras de vôlei.* (02/10/2000 – Caderno especial) Os títulos classificados na subcategoria **violência** estão relacionados aos resultados negativos do Brasil e a utilização de expressões militares ou guerreiras durante o período analisado, para descrever e/ou analisar os resultados: *Luxemburgo culpa Ronaldinho pela derrota.* (18/09/2000 – Caderno especial); *“É matar ou morrer”* (22/09/2000 – Caderno especial) e *Dupla brasileira briga pelo ouro.* (25/09/2000 – Caderno especial).

As subcategorias **Tópicos e metáforas dirigidas à seleção brasileira e à nacionalidade e linguagem bélica**, obtiveram 1,3%, representando 2 títulos cada dos 156 analisados. A primeira destaca figuras de linguagem no título como: *“Jogo de paciência” contra a França.* (21/09/2000 – Caderno especial); *Duelo de feras entre as invictas do vôlei.* (23 – 24/09/2000 – Caderno especial). A segunda enfatiza termos relacionados a guerra, como no jogo de vôlei feminino contra a Croácia e no boxe: *Croácia na mira do vôlei feminino.* (21/09/2000 – Caderno especial); *Sertão quer “mandar bala” no ringue.* (22/09/2000 – Caderno especial). A linguagem bélica, embora não seja própria do esporte, ela é usada porque é acessível à sociedade e às culturas. HATJE (2000), no entanto, alerta que se a imprensa, através do esporte, quer contribuir com o desenvolvimento dele e, conseqüentemente, com a formação/educação da sociedade, os termos militares e/ou guerreiros devem ser pouco utilizados ou abolidos porque, indiretamente, podem estimular e/ou contribuir com manifestações violentas. Esses termos, não raras vezes, são utilizados pela imprensa brasileira, sobretudo a esportiva, para promover o espetáculo.

A subcategoria **valorização do esporte enquanto negócio** obteve 0,7%, representando 1 título. Ela relaciona o esporte com aspectos do mercado financeiro e com o marketing. O exemplo encontrado foi: *Patrocinadores estão ansiosos pelo ouro.* (27/09/2000 – Caderno especial) Embora com um índice baixo, em relação às outras categorias, o título é significativo e revela a importância dos patrocínios no esporte. O esporte é, sem dúvida, um grande negócio, tanto para atletas e clubes, como para os seus patrocinadores.

Relacionando as matérias publicadas no jornal A Razão durante os Jogos Olímpicos de Sydney, com uma possível contribuição com a área da Educação Física, observamos que durante os 17 dias da pesquisa, nos 15 exemplares analisados, não há referência a profissionais da área, ou seja, o jornal não entrevistou nenhum professor de Educação Física, limitando-se a noticiar os Jogos Olímpicos, especialmente seus resultados.

Repercutir os resultados com profissionais poderia qualificar o conteúdo veiculado em relação aos Jogos. Análises, projeções e críticas poderiam contribuir com o aspecto formativo e não apenas informativo, que se defende numa cobertura jornalística envolvendo o esporte. O veículo, mesmo valendo-se de informações produzidas em agências, poderia ter realizado matérias em escolas locais, por exemplo, para verificar como os Jogos Olímpicos são trabalhados nas escolas durante as aulas de Educação Física ou em outras disciplinas, de forma interdisciplinar. Seria, em última análise, valorizar o esporte enquanto cultura. Uma contextualização social dos Jogos poderia fazer com que o leitor se identificasse e se interessasse mais pelo evento, estimulando-o, quem sabe, a um maior envolvimento, inclusive, através da prática de atividades físicas.

O artigo do professor de história Ivan Vergueiro Da Cruz (15/09/2000), onde ele aborda a história dos Jogos Olímpicos e do que significam para a população, a união dos povos, das raças, das etnias, pode ser considerado uma contribuição para a área da Educação Física, porque trata da história dos Jogos. A história dos Jogos Olímpicos é um tema que poderia ter recebido mais espaço no jornal, especialmente a participação do Brasil em Olimpíadas anteriores. Teria sido oportuno para situar o leitor quanto a evolução do país nos Jogos, quanto a peculiaridades de esportes, preconceitos, guerras políticas e étnicas durante os 106 anos de história dos Jogos.

Outro aspecto refere-se ao handebol. Nos dias 16, 17 e 22 de setembro de 2000, matérias sobre a seleção feminina de handebol abordam que em épocas anteriores as jogadoras bancavam as despesas para viajar com a seleção. Na reportagem, a jogadora Chana comenta que o handebol é um dos esportes mais praticados em escolas do Brasil, mas que nem por isso tem o apoio necessário. A matéria traz também que o handebol é praticado por milhares de crianças e adolescentes em escolas por todo o Brasil, que, no entanto, largam o esporte ao saírem do colégio.

O jornal A Razão deixou de valorizar a modalidade e o Centro de Excelência em Handebol que existe no Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Santa Maria ao não repercutir a entrevista da atleta ou a realidade apontada sobre a prática em

escolas. A seleção feminina, inclusive, realizou parte de sua preparação aos Jogos em Santa Maria.

A prática do jornal *A Razão* pode ser analisada sob vários aspectos, mas ao mencionar apenas os resultados e/ou informações vindas de agências, ele pouco contribui à massificação e ao desenvolvimento da modalidade. A massificação de um esporte, seja qual for, não se dá apenas pela prática, mas também pela sua veiculação na mídia. Daí a importância do profissional conhecer os conteúdos da Educação Física e a importância da mídia no estabelecimentos destes. O entendimento desse contexto permitirá que ele realize um trabalho de qualidade, tanto na Educação Física Escolar, quanto na não escolar e junto aos meios de comunicação.

2.2 Os Parâmetros Curriculares Nacionais sob a ótica dos Jogos Olímpicos

A Educação Física em seu percurso histórico no Brasil⁷, foi vista como meio de preparar a juventude para a defesa da nação, para fortalecer o trabalhador ou buscar novos talentos esportivos que representassem a Pátria. Hoje, seu reconhecimento como componente curricular da Educação Básica na Lei de Diretrizes e Bases de 1996 mostra o caráter essencial de sua prática: integrar-se com outras disciplinas do ensino básico. A Educação Física deve proporcionar uma aprendizagem que considere aspectos afetivos, sociais, éticos e de sexualidade. A proposta é que os alunos sejam capazes de participar de atividades corporais, respeitar o próximo, repudiar a violência, adotar hábitos saudáveis de higiene e alimentação e ter espírito crítico em relação à imposição de padrões de saúde, beleza e estética.

A partir da proposta do Governo Federal, com a elaboração dos PCNs de 1ª a 4ª séries⁸, discutimos aspectos relevantes que podem ser trabalhados nas aulas de Educação Física relacionados com os Jogos Olímpicos, objeto de estudo desta pesquisa.

- **Participar de atividades corporais.** Os alunos devem manter relações equilibradas e construtivas com os colegas, respeitando as características físicas e o desempenho de cada um. Nesse item os Jogos Olímpicos devem servir de exemplo para os alunos, tratando-se do respeito pelo próximo. O esporte de rendimento consagra campeões. O objetivo da educação física escolar não é formar campeões. Assim, os limites de cada aluno devem ser respeitados. A Olimpíada de 2000 consagrou nadadores africanos que não tinham o desempenho de recordistas e de atletas olímpicos. Eles conseguiram ir aos

- Jogos, nadaram, terminaram suas provas. Esse exemplo deve ser discutido com os alunos para que valorizem o homem como ser humano, com suas limitações e possibilidades, mas sobretudo pela sua coragem e espírito olímpico.
- **Manter uma atitude de respeito e repudiar a violência.** Situações lúdicas e esportivas devem desenvolver a solidariedade. Os Jogos Olímpicos pregam a união dos povos, a confraternização através do esporte. Os professores de Educação Física devem adaptar os jogos para que todos participem, sem discriminação e violência. As situações de violência dos Jogos, devem ser ilustradas como exemplos negativos aos alunos. O professor deve trazer exemplos práticos para discutir com os alunos, tornando-os mais críticos e conscientes.
 - **Aprender com a pluralidade.** Conhecer diferentes manifestações de cultura corporal é uma forma de integrar pessoas e grupos sociais. Os esportes são uma das formas de expressão corporal que podem ser utilizadas pela Educação Física. Os Jogos Olímpicos trazem inúmeros exemplos de atividades físicas e rítmicas que os alunos não conhecem e deveriam experimentar. A ginástica e a dança possibilitam várias formas de expressão corporal aliada a integração.
 - **Ser capaz de reconhecer-se como integrante do ambiente.** Os alunos devem adotar hábitos saudáveis de higiene, alimentação e atividades corporais, percebendo seus efeitos sobre as próprias condições de saúde e sobre a melhoria de saúde de todos. Os exemplos de saúde devem ser constantes. O professor de Educação Física, porém, não pode citar como parâmetro de *boa saúde* atletas olímpicos, pois, pesquisas recentes comprovam que atletas de alto rendimento, dependendo do treinamento, prejudicam a sua saúde. Um exemplo que ilustra a afirmação é o caso do nadador australiano Ian Thorpe que faz sessões de musculação com altas cargas para poder suportar a dor⁹. O esporte rendimento atualmente não é sinônimo de saúde, ainda mais quando o atleta utiliza substâncias para melhorar sua performance. O uso de substâncias para aumentar o rendimento é outro assunto que o professor deve destacar em aula.
 - **Praticar atividades de forma equilibrada.** A regularidade e a perseverança, regulando e dosando o esforço de acordo com as possibilidades de cada um, permitem o aperfeiçoamento das competências corporais. O equilíbrio nas atividades físicas deve ser premissa básica. Os professores devem conduzir os alunos a descobrirem seus limites, a descobrirem o prazer na atividade física, sem traumas. Atletas chegando na linha final de

- uma maratona sem forças para caminhar, deve ser tema de discussões nas aulas, a partir da seguinte problematização: quais os benefícios que o esgotamento físico traz às pessoas e aos atletas? Vale a pena colocar em risco a vida por uma medalha ou uma vitória?
- **Reconhecer as condições de trabalho que comprometem o desenvolvimento.** Os estudantes devem identificar as atividades que põem em risco seu desenvolvimento físico, não aceitando para si, nem para os outros, condições de vida indignas. Estabelecer discussões sobre condições de vida de atletas que eram pobres e conseguiram vencer na vida através dos esportes é um fator positivo. O professor deve fazer referência a exemplos como esses para motivar e/ou estimular alunos, com problemas sociais e financeiros, a estudar e fazer de suas vidas uma luta para poder ter melhores condições de vida. Deve procurar amenizar sentimentos de revolta, que os levam à criminalidade e à marginalidade, incentivando-os aos estudos e ao desenvolvimento social.
 - **Desenvolver espírito crítico em relação à imposição de padrões de saúde, beleza e estética.** A sociedade divulga padrões, mas as crianças devem conhecer sua diversidade, devem compreender a cultura que produz esses modelos, evitando o consumismo e o preconceito. O entendimento de aspectos estéticos e de preconceito é importante para que os alunos desenvolvam a criticidade, não aceitando tudo o que é oferecido. As discussões sobre padrões de beleza e estereótipos devem ser constantes por parte dos professores de Educação Física em suas aulas. A história dos Jogos Olímpicos revela preconceitos raciais e étnicos que devem ser trabalhados pelos professores.
 - **Reconhecer o lazer como um direito do cidadão.** Os alunos devem ter autonomia para interferir no espaço e reivindicar locais adequados para as atividades corporais de lazer. As escolas devem primar pela formação social dos seus alunos. Nessa perspectiva, a competição esportiva de rendimento/performance deve ser excluída, dando espaço a participação como forma de lazer, pelo prazer de participar. Isso é fundamental para a formação integral do aluno. Exemplos de atletas que vão aos Jogos Olímpicos pelo prazer de competir devem ser destacados, principalmente porque o número de medalhas em disputa é pequeno, e com isso poucos as conseguem.

A Educação Física não é vista como uma disciplina formadora de atletas olímpicos e futuros campeões. Os PCNs destacam três eixos temáticos a serem desenvolvimentos de 5ª a 8ª séries¹⁰, quais sejam:

- ✓ **Conhecimentos sobre o corpo** – fornece informações ao aluno sobre o próprio corpo, sua estrutura física e interação com o meio social em que vive. Estudam-se noções básicas da anatomia, da fisiologia, dos aspectos biomecânicos e bioquímicos do corpo humano.
- ✓ **Esportes, jogos, lutas e variações de ginásticas** – nesse eixo, o professor transmite informações históricas sobre origens e características de cada prática, bem como a importância de valorizá-las. O professor deve trazer conteúdos que vão além das normas técnicas e táticas. Deve contextualizar cada modalidade esportiva no contexto sócio-cultural.
- ✓ **Atividades rítmicas e expressivas** – são as manifestações que combinam expressões e sons, como danças, mímicas e brincadeiras cantadas. Por meio delas, o aluno caracteriza diferentes movimentos expressivos, sua intensidade e duração.

Os Jogos Olímpicos apresentam muitos aspectos que podem ser trabalhados nas aulas de Educação Física e que vão ao encontro dos objetivos dos PCNs. É importante que os professores da área se apropriem dos conteúdos esportivos, veiculados nos meios de comunicação, e após *filtrados* os coloquem em pauta nas aulas.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa analisou a cobertura jornalística do jornal A Razão de Santa Maria, durante os Jogos Olímpicos de Sydney e as contribuições da imprensa para o desenvolvimento da área da Educação Física/Esporte, a partir de um evento como esse. Para a análise e classificação 156 títulos das matérias sobre a Equipe Olímpica Brasileira, no período de 15 de setembro a 2 de outubro de 2000, utilizou-se categorias e subcategorias, pré-estabelecidas.

No total foram consideradas 13 subcategorias, sendo *Exaltação da equipe brasileira* aquela que registrou o maior percentual, 37,2%. A análise revela que houve uma exaltação do Brasil enquanto país e que o jornal reforçou aspectos positivos de equipes brasileiras; enfatizou a união, a esperança, a perseverança, à vontade de vencer e o desejo de vitória de atletas, dirigentes e treinadores, em detrimento de análises técnicas e táticas dos esportes.

A valorização de aspectos como esses é positiva, pois, apesar das dificuldades financeiras e de treinamento que a equipe olímpica brasileira enfrentou antes do evento, a

esperança de conquista de medalhas era constante. Outro aspecto salutar na cobertura é a veiculação de matérias sobre atletas que, antes de conquistar medalhas e vitórias, tinham como objetivo representar bem o país, como a equipe feminina de handebol, por exemplo. Além de ser um esporte pouco difundido no Brasil, não conquistou medalha, mas seu desempenho foi considerado positivo nos Jogos. Além de exaltar a equipe (e de certa forma o País), a cobertura mostrou a importância de participar, de estar em Sydney defendendo uma nação.

Exaltação de atleta brasileiro obteve 22%. Quem responde pelo índice, principalmente, são os atletas que competem em esportes individuais, como tênis, atletismo, ginástica e boxe. Mas, a imagem do ídolo, do herói ou do *salvador da pátria*, seja em esportes coletivos ou individuais é reforçada nessa subcategoria.

A esperança de conquistar medalha, de alcançar a vitória e a consagração era esperada, tanto pelos protagonistas do evento (atletas, treinadores e dirigentes), quanto da imprensa e da sociedade brasileira. Enquanto existia a possibilidade de conquistarem medalhas, Gustavo Kuerten, o Guga, (no tênis) e Rodrigo Pessoa (no hipismo) eram exaltados e venerados pelo jornal. Após a desclassificação diante dos resultados negativos, o jornal priorizou críticas e os comentários negativos.

Em contrapartida, a subcategoria *comentário negativo de equipe* obteve 17,4%. O percentual deve-se às críticas dirigidas ao desempenho de equipes e atletas, em condições de conquistar medalhas, mas que fracassaram. A equipe masculina de futebol foi o principal alvo das críticas do jornal A Razão. Duas razões sobressaem-se se fizermos uma análise mais detalhada: a) a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), investiu US\$ 120 mil em cada atleta olímpico; b) pelo retrospecto histórico do Brasil no futebol, único tetracampeão mundial. O resultado foi considerado um fracasso, frente ao planejamento e ao investimento da CBF. A seleção masculina de voleibol também foi criticada em relação ao desempenho em Sydney, principalmente após a desclassificação. A campanha invicta até as quartas-de-final e a derrota para a equipe Argentina mudaram o estilo e a linguagem utilizada pelo veículo na cobertura em relação a equipe.

A partir da análise podemos inferir que o jornal A Razão valoriza, na maioria das vezes, apenas o resultado positivo, ou seja, a vitória e a conquista de medalha. Raras vezes resgata a história do ser humano, sujeito a diversas variáveis que interferem em seu desempenho, para explicar ou interpretar resultados negativos. Aspectos fisiológicos,

psicológicos e/ou físicos podem afetar o desempenho de atletas, desde o profissional quanto o não profissional.

Entendemos que o jornal tem papel fundamental na alavancagem e no desenvolvimento do esporte, que pode, inclusive, repercutir, positivamente, na área da educação física. Exemplos como o do nadador africano que não tinha condições físicas de concluir a prova, mas que conseguiu, devem ser seguidos. A imprensa deve reforçar o espírito esportivo também presente em eventos de alto nível como os Jogos Olímpicos.

Deve direcionar críticas aos administradores esportivos, quando necessário, destacar a falta de apoio a atletas – enfatizando a necessidade deste para o crescimento da modalidade ou do esporte de forma geral. O sucesso de atletas e equipes repercute também de forma positiva, nos próprios veículos de comunicação, que vendem cotas publicitárias, ampliam a venda de jornais e revistas e aumentam o índice de audiência.

As contribuições (explícitas) da cobertura dos Jogos Olímpicos para o desenvolvimento da área da Educação Física, são poucas a partir da análise realizada. A matéria sobre o handebol escolar e o artigo sobre a história dos Jogos são contribuições mínimas se considerarmos o esporte como cultura, que vai além dos aspectos técnicos e táticos. Não há intervenções de profissionais de Educação Física na cobertura jornalística, seja nas matérias informativas, opinativas e/ou interpretativas. O profissional dessa área poderia ser aproveitado para avaliar e/ou interpretar resultados, possibilidades, regras e aspectos educacionais relacionados com os Jogos que poderiam contribuir para ampliar a cultura esportiva no Brasil. Os conteúdos veiculados teriam maior precisão e concisão e as matérias não se resumiriam à veiculação de notícias de agências.

Acreditamos que dados desta pesquisa não podem ser generalizados, embora o acompanhamento diário de outros jornais de circulação estadual e/ou nacional permite afirmar que a cobertura esportiva não difere muito, especialmente quando as informações veiculadas provém de agências de notícias. Fica claro que a imprensa brasileira, de um modo geral, trabalha os Jogos Olímpicos basicamente sob o aspecto informativo e de negócio, deixando de lado aspectos formativos/educativos.

É nesse contexto, que os profissionais de Educação Física deveriam buscar espaço junto aos meios de comunicação como consultores e/ou assessores, tanto impressos quanto eletrônicos. Pois, envolvidos com o processo educacional e com o esporte, eles são importantes no sentido de qualificar a cobertura esportiva e, conseqüentemente, interferir no

grau de importância e/ou influência dos meios de comunicação no próprio mercado de trabalho.

Os Jogos Olímpicos são acompanhados por bilhões de pessoas em todo mundo. Mas, será que eles podem ser utilizados como meio de educar? Da forma como são disputados e veiculados pelos meios de comunicação, com seus exemplos positivos e negativos, podem ser relacionados com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)? A partir deste estudo podemos afirmar que sim; existe a possibilidade de sua apropriação pelas aulas de educação física. A valorização do coletivo, da saúde, da paz, do respeito à individualidade, da consciência corporal, da criticidade, são aspectos constantes nos PCNs e que podem ser trabalhados nas aulas de educação física escolar tomando como exemplo os Jogos Olímpicos. É, no entanto, imprescindível, que o professor de educação física saiba filtrar o conteúdo e que escolha os métodos e as técnicas adequadas para desenvolvê-los com seus alunos.

Por fim, acreditamos nos Jogos Olímpicos não apenas como forma mercadológica para a educação física e a sociedade, mas sim, como uma manifestação cultural, que integra povos, referendando situações próprias do ser humano, como o respeito ao próximo, e à figura humana. Os profissionais de Educação Física devem relacionar o esporte espetáculo, não com a dor e a violência, embora devam chamar atenção para isso, mas sim com a beleza da confraternização, da diversidade e da proliferação da saúde e da paz. Assim estarão contribuindo com a história do esporte em sua mais pura essência: o espírito olímpico.

4. BIBLIOGRAFIA

1. BAHIA, Juarez. **Jornal: história e técnica do jornalismo**. São Paulo: Ática, 1990.
2. CAMARGO, Vera Regina Toledo. **O telejornalismo e o esporte-espetáculo**. São Bernardo do Campo: Tese de Doutorado, 1998.
3. CAPINUSSÚ, José Maurício. **Comunicação e transgressão no esporte**. São Paulo: Ibrasa, 1997.
4. CONSTANTINO, José Manuel. **O desporto e a comunicação social**. Revista Horizonte, Lisboa, nº 48, 1992.
5. HATJE, Marli. **O jornalismo impresso no Rio Grande do Sul de 1945 a 1995: a história contada por alguns de seus protagonistas**. Santa Maria: Dissertação, Universidade Federal de Santa Maria, 1996.

6. HATJE, Marli. **Grande imprensa: valores e/ou características veiculadas por jornais brasileiros para descrever a participação da seleção brasileira de futebol na Copa do Mundo de 1998 em França.** Santa Maria: Tese, Universidade Federal de Santa Maria, 2000.
7. HATJE, M. PALMA, L. E. & CARVALHO, S. **A linguagem utilizada por três jornais para descrever a atuação da Seleção Brasileira de futebol na Copa do Mundo de 1994.** In: Comunicação, Movimento e Mídia na Educação Física/organizadores Sérgio Carvalho e Marli Hatje. Santa Maria: UFSM, 1998, vol.4.
8. LUSTOSA, Elcias. **O texto da notícia.** Brasília: Universidade de Brasília, 1996.
9. Revista Nova Escola, Edição especial. Parâmetros Curriculares Nacionais: fáceis de entender, de 5ª a 8ª série. Editora Abril, setembro/1998.
10. Revista Nova Escola, Edição especial. Parâmetros Curriculares Nacionais: fáceis de entender, de 1ª a 4ª série. Editora Abril, setembro/1998.
11. Revista Olimpíadas, Edição Histórica: tudo sobre os Jogos Olímpicos de Sydney 2000. RMC Editora, setembro/2000.
12. TUBINO, Manoel José Gomes. **As dimensões sociais do esporte.** São Paulo: Cortez, 1992.

¹ A diferença do fuso brasileiro para o australiano é de 14 horas, como parâmetro Brasília.

² O jornal, como peça da indústria cultural, é o resultado de grandes transformações na imprensa, na sociedade e na história. Ele tem uma influência maior ou menor em comparação a outros meios como a televisão, o rádio ou o cinema, mas é entre todos o de mais consistência.

³ O espetáculo desportivo precisa da Comunicação Social na mesma medida em que esta precisa daquele: seria impensável um viver sem o outro.

⁴ Os Jogos Olímpicos de Sydney foram comercializados por US\$ 1,318 bilhões de dólares.

⁵ Nos sábados e domingos o jornal A Razão de Santa Maria tem edição única.

⁶ As categorias e subcategorias foram extraídas do estudo de HATJE (2000). Na pesquisa realizada pela autora, ela definiu 7 categorias e 81 subcategorias ao estudo da Copa do Mundo de 1998 em França. Nesta manteve-se o nome original das categorias, alterando em alguns aspectos a denominação das subcategorias, embora continuem fazendo parte das categorias do estudo original. As 7 categorias de HATJE (2000) são: Traços étnicos; Relações nacionais e internacionais; Registros relativos à individualidades na equipe nacional e adversária; Traços de violência; Traços sexistas; Traços emocionais e Aspectos adjacentes às partidas. As categorias não mencionadas neste trabalho não foram encontradas na análise dos Jogos Olímpicos e, por isso, não citadas.

⁷ Ver Educação Física Progressista de Paulo Ghiraldelli Júnior.

⁸ Revista Nova Escola, Edição especial. Parâmetros Curriculares Nacionais: fáceis de entender, de 1ª a 4ª série. Editora Abril, 1998.

⁹ Revista Veja, 13 de setembro de 2000.

¹⁰ Revista Nova Escola, Edição especial. Parâmetros Curriculares Nacionais: fáceis de entender, de 5ª a 8ª série. Editora Abril, 1998.